

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS – LIP

BRUNO BONADIO TOLEDO

**SUJEITOS NULOSNA ESCRITA: UMA INVESTIGAÇÃO
PRELIMINAR**

BRASÍLIA- DF

2014

BRUNO BONADIO TOLEDO

**SUJEITOS NULOS NA ESCRITA: UMA INVESTIGAÇÃO
PRELIMINAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção da licenciatura em Letras Português e Respectivas Literaturas no Programa de Graduação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Doutora Eloisa Nascimento Silva Pilati.

BRASÍLIA – DF

2014

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1. RESUMO - TÓPICO PROEMINENTE E SUJEITO NULO NO PB: QUESTÕES EM ABERTO, DE JULIANA MARIA COUTINHO VIEIRA (2014)	6
1.1 Estudos sobre o sujeito nulo de terceira pessoa no PB.....	8
1.1.1 O PB como uma língua de sujeito proeminente: Os estudos de Duarte (1993, 2000)	8
1.1.2 O PB como uma língua de tópico proeminente: Negrão (1999) e Negrão & Viotti (2000)	10
1.1.3 Modesto (2000, 2004, 2008): pesquisas sobre o sujeito nulo em orações encaixadas.....	10
1.1.4 Rodrigues (2004): movimento do sujeito da oração encaixada.....	14
1.1.5 Rabelo (2010): sujeitos nulos em orações finitas e infinitiva.....	18
1.1.6 Pilati & Naves (2013): admissão de proformas como sujeitos no PB.....	21
1.2 O sujeito nulo no PB – análise de dados.....	23
1.2.1 Sujeitos nulos referenciais.....	23
1.2.2 Sujeitos nulos não referenciais.....	24
1.2.3 Sujeitos nulos referenciais em orações encaixadas (contexto)	26
1.2.4 Sujeitos nulos referenciais em orações encaixadas (características)	26
1.2.5 Correferência apenas a sintagmas c-comandados.....	26
1.2.6 Referência ao sintagma c-comandado mais próximo.....	28
1.2.7 Inocorrência de sujeitos nulos em sentenças relativas.....	28
1.2.8 Impossibilidade de antecedentes divididos.....	29
1.2.9 Leitura invariante de sintagmas do tipo só-NP.....	29
1.2.10 Leitura sloppy do sujeito nulo em caso de elipse de VP.....	29
1.2.11 Leitura de se e ausência de sujeitos nulos em sentenças iniciadas por <i>como</i> ...	29
1.2.12 Sujeitos nulos não referenciais.....	30
CAPÍTULO 2. ANÁLISE DE REDAÇÕES	31
2.1 Análise de dados.....	32
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	35
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
APÊNDICE.....	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo principal a compreensão das características sintáticas e semânticas dos sujeitos nulos no Português Brasileiro (PB), haja vista que este se encontra em processo de mudança paramétrica, no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo. Isso porque, considerado por muito tempo uma língua de sujeito nulo, o PB estaria se tornando uma língua que apresenta sujeito preenchido. Apesar dessa mudança, ainda há casos em que falantes do PB utilizam sujeitos nulos.

Um segundo objetivo da pesquisa é o de constatar por meio de análises de redações de alunos do Ensino Médio e de textos diversos da internet se os sujeitos nulos ocorrem, visto que há um abaixamento das desinências verbo-pessoais, o que antes era composto, no PB, por seis flexões verbais, vem sendo substituído por três flexões, o que torna necessário, em alguns contextos, o preenchimento do sujeito.

Este estudo traz a problematização da mudança linguística, ou seja, tentar-se-á atestar se dados da oralidade já se encontram presentes em redações de alunos do Ensino Médio e em textos diversos da internet, portanto, se há influência da oralidade na escrita.

Duarte (1993), tanto em estudo diacrônico como sincrônico do PB, verificou que o preenchimento do sujeito vem ocorrendo de forma progressiva. Em que tal fato ocorreu concomitante com a redução do paradigma verbal do PB (de seis pessoas gramaticais, a morfologia flexional passou a identificar apenas três: a primeira pessoa do singular, a terceira pessoa do plural e as demais, indicadas pela flexão de terceira pessoa do singular).

Negrão (1999) apontou que o preenchimento de sujeitos de primeira pessoa, apesar de morfologicamente realizado, era superior ao da terceira pessoa, a qual, segundo a autora, não

era identificada pela morfologia, o que tornaria o PB uma língua de tópico proeminente. Negrão concluiu, diferentemente de Duarte, que os sujeitos nulos não deixariam de existir no PB, mas passariam a ocorrer em contextos específicos.

Vieira (2014) pôde constatar que estudiosos têm analisado as construções com a terceira pessoa nula como contextos com leitura genérica, e que no português do Brasil, há contextos com leitura genérica, mas também há contexto com leitura arbitrária.

Este trabalho apresentará em seu primeiro capítulo a revisão literária de Vieira (2014), que traz uma revisão bibliográfica de estudos relevantes (como poderá se atestar, a autora traz casos de sujeitos nulos ainda não investigados na literatura sobre o tema, que são os casos de: a) referência do sujeito nulo ao sintagma c-comandado ao sujeito da oração principal, b) referência do sujeito nulo ao objeto da oração principal, c) incoerência em sentenças relativas, d) impossibilidade da categoria vazia de se referir a antecedentes divididos e e) leitura de se da categoria vazia) para a discussão acerca dos sujeitos nulos no PB. No segundo capítulo, serão analisadas as ocorrências dos sujeitos nulos em redações de alunos do Ensino Médio e em textos diversos da internet, para verificar se os casos inovadores atestados por Vieira (2014) podem ser encontrados ou não. Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

CAPÍTULO 1 - TÓPICO PROEMINENTE E SUJEITO NULO NO PB: QUESTÕES

EM ABERTO, DE JULIANA MARIA COUTINHO VIEIRA

Vieira (2014), em sua dissertação de mestrado, tem como objetivo mostrar as diferentes análises de estudiosos sobre a 3ª pessoa nula nos trabalhos sobre o português do Brasil, para tanto, a autora observa que tipo de sentenças têm sido utilizadas para embasar as diferentes análises, analisa de que forma a 3ª pessoa nula tem sido analisada em línguas consideradas semelhantes ao português, e, por fim, ratifica se existem dados ainda não considerados pelos estudos apresentados.

É apontado por Vieira (2014) que muitos autores defendem a hipótese da existência de algum tipo de defectividade na morfologia de terceira pessoa para explicar os contextos em que ocorrem sujeitos nulos no Português Brasileiro (PB).

A autora percebeu, através de suas pesquisas, que muitos estudiosos têm analisado as construções com 3ª pessoa nula como leitura genérica, no entanto, ela afirma que no português do Brasil há leitura genérica, mas também há leitura arbitrária.

Chomsky (1981) demonstrou que as línguas naturais poderiam ser divididas conforme a presença ou ausência de sujeitos pronominais. O autor relacionou as seguintes propriedades a um parâmetro, denominado pro-drop: a) ausência de sujeito manifesto; b) inversão livre do sujeito em sentenças simples; c) movimento longo do sujeito; d) pronomes resuntivos nulos em orações encaixadas e e) violações aparentes do filtro that-trace, notou que há diferentes contextos de 3ª pessoa nula.

Segundo Chomsky (1981), línguas que possuem esse parâmetro marcado positivamente, como o italiano e o espanhol, apresentam as propriedades acima relacionadas. Em

contrapartida, línguas como o inglês e o francês, não apresentam as propriedades acima relacionadas; são consideradas, portanto, línguas não pro-drop.

Ao abordar Duarte (1993), Vieira atesta que Duarte chegou à conclusão de que o PB estaria em processo de modificação de uma língua pro-drop (de sujeito nulo) para uma língua de sujeito preenchido. O parâmetro pro-drop está relacionado à possibilidade de algumas línguas apresentarem sujeitos nulos referenciais.

Com os estudos de Negrão (1999), apontou que o preenchimento de sujeitos de primeira pessoa, apesar de morfologicamente realizado, era superior ao da terceira pessoa, a qual, segundo a autora, não era identificada pela morfologia, o que tornaria o PB uma língua de tópico proeminente. Negrão concluiu, diferentemente de Duarte, que os sujeitos nulos não deixariam de existir no PB, mas passariam a ocorrer em contextos específicos.

A partir dos estudos de Modesto (2000), que esse analisa orações encaixadas e afirma que a morfologia de terceira pessoa não fornece os traços de pessoa e número necessários à identificação da categoria vazia e que, portanto, seria necessária sua ligação ao sujeito da oração principal, a autora corrobora o que foi percebido através dos estudos de Duarte, ou seja, o abaixamento das desinências verbais. Modesto (2004, 2008), em uma revisão da análise em Modesto (2000) e incluindo dados do finlandês e do chinês, ratifica que a flexão verbal licencia tais sujeitos, mas não os identifica, o que torna necessária a ligação da categoria vazia ao sujeito da oração principal

Com os estudos de Rodrigues (2004), mostrou que essa considera a morfologia de terceira pessoa defectiva em relação ao traço de pessoa, motivo pelo qual o sujeito, que tem sua origem na oração encaixada, se move para a posição de sujeito da oração imediatamente superior. Rabelo (2010), seguindo Manzini & Savoia (2005), afirma que a morfologia de terceira pessoa não possui a propriedade denotacional necessária à

identificação da categoria vazia. Por isso, esse processo é realizado mediante a formação de uma cadeia entre o morfema de terceira pessoa – que possui os traços de pessoa e número – e o sujeito da oração principal.

Com base na revisão literária de Vieira (2014), parece ser consensual a interpretação quanto à existência de algum tipo de defectividade nos traços dos morfemas de terceira pessoa no PB, ou seja, nos pronomes nulos de terceira pessoa.

Vieira (2014) traz que a noção de que o sujeito pode ser fonologicamente nulo não é nova. Pois gramáticos de diversas línguas, entre elas o latim, perceberam que a morfologia verbal possuía todos os elementos necessários à identificação do sujeito e que esse fato tornava a expressão pronominal desse elemento desnecessária.

1.1 Estudos sobre o sujeito nulo de terceira pessoa no PB

1.1.1 O PB como uma língua de sujeito proeminente: O estudo de Duarte (1993, 2000)

Vieira (2014) ao retomar os estudos de Duarte (1993/2000), verifica que esta diz que o PB está em processo de mudança paramétrica no que diz respeito ao parâmetro pro-drop; devido à queda das desinências verbo-pessoais, o que antes era considerada por muito tempo uma língua de sujeito nulo, o PB estaria se tornando uma língua que apresenta sujeito preenchido.

Em um estudo sincrônico e diacrônico de dados do PB, Duarte verificou que a posição de sujeito vem sendo preenchida de forma progressiva. Tal fato coincidiu com a redução do paradigma verbal do PB (de seis pessoas gramaticais, a morfologia flexional passou a identificar apenas três: a primeira pessoa do singular, a terceira pessoa do plural e as demais, indicadas pela flexão de terceira pessoa do singular).

Vieira (2014) diz que Duarte (1993/2000) aponta também para uma tendência ao preenchimento dos sujeitos não referenciais no PB. Trazendo como sinais que levariam a esse fenômeno: a) construção de sentenças impessoais com o verbo haver substituído por “você tem que”, como mostram os exemplos em (1); b) verbos de alçamento aparecem com os dois verbos flexionados, como mostra (2); c) movimento dos complementos de sentenças infinitivas à posição vazia de sujeito da sentença principal, como em (3); d) verbos com apenas um argumento podem aparecer com dois, como ilustra (4) e e) sujeitos sentenciais antepostos são copiados por um demonstrativo, como em (5):

- (1) a) Não há/tem mais clientela no centro da cidade.
b) Você não tem mais clientela no centro da cidade.
- (2) a) Parece que vocês não pensam a sério a vida.
b) Vocês₁ parecem que *pro*/vocês₁ não pensam a sério a vida.
- (3) a) Leva tempo para aprender essas coisas.
b) Essas coisas levam tempo para aprender.
- (4) a) Era em torno de dez pessoas.
b) Isso era em torno de dez pessoas.
- (5) a) Que o partido tomou a medida errada é evidente.
b) Que o partido tomou a medida errada, isso é evidente.

1.1.2 O PB como uma língua de tópico proeminente: Negrão (1999) e Negrão & Viotti (2000)

Vieira (2014) aborda os estudos de Negrão (1999) e Negrão & Viotti (2000), que argumentam em favor de que o português brasileiro (PB) é uma língua voltada para o discurso. Com base em Negrão (1990), as autoras afirmam que a transição pela qual passa o PB não é causada pelo enfraquecimento da concordância, mas vai em sentido oposto: o enfraquecimento da concordância seria consequência do fato de o PB ser/estar se tornando uma língua voltada para o discurso.

A relação direta entre sujeito nulo e flexão verbal foi descartada por Negrão (1999), quando essa relacionou a identificação da categoria vazia de terceira pessoa ao tópico e afirmou que o enfraquecimento do paradigma pronominal no PB foi causado pela configuração discursiva dessa língua.

Negrão argumenta que a categoria vazia deve ligar-se ao sintagma completo, enquanto categorias pronominais manifestas ligam-se ao sintagma nominal inserido nela.

1.1.3 Modesto (2000, 2004, 2008): pesquisas sobre o sujeito nulo em orações encaixadas

Em Modesto (2000), a categoria vazia é considerada pronominal. Vieira (2014) diz, inicialmente, que o autor afirma que a morfologia não fornece os traços de pessoa e número; para tanto, o autor compara o sujeito nulo de terceira pessoa do PB e do PE.

(PB) O Pedro disse que *pro*_{1/*2} ganhou na loto.

(PE) O Pedro disse que *pro*_{1/2} ganhou na loto.

Vieira (2014) percebe que o autor afirma que em (PB), ao contrário da sentença (PE), a categoria vazia não pode ser dêitica – caso em que o referente estaria saliente no contexto situacional e poderia ser identificado pela categoria vazia. Essa diferença de interpretação seria causada pelas características da 3ª pessoa em cada uma dessas línguas. Para o autor, no PB, a impossibilidade de a 3ª pessoa se referir por si só está ligada ao fato de não possuir os traços de pessoa e número, o que torna necessária a identificação da categoria vazia e impede que *pro* em (PB) seja utilizado como dêitico. Já a 3ª pessoa do PE, por possuir os traços de pessoa e número, identifica a categoria vazia e permite sua interpretação dêitica.

Vieira (2014) diz que o autor atribui a diferença de interpretação existente entre a categoria vazia do PB, de um lado, e o pronome manifesto do PB e a categoria vazia do PE, de outro, ao fato de que estas possuem os traços de pessoa e número – sejam adquiridas pela morfologia, como no caso do PE, seja intrínseco, como nos pronomes explícitos do PB –, diferentemente do que ocorre com a categoria vazia do PB, que não possui os traços de pessoa e número nem pode adquiri-los da morfologia, que é inerte. Dessa forma, Vieira (2014) diz que para adquirir que *pro* seja interpretado, é necessário um antecedente. Para explicar a correferência de *pro*, Modesto (2000) argumenta que todos os sujeitos ocupam uma posição A'. Como evidência, o autor utiliza os casos de topicalização de objetos, como em (6) e (7):

(6) Quem₁ que o Pedro₂ convenceu t₁ que *pro*_{1/???2} tinha que ir embora?

(7) A Maria₁, o Pedro₂ convenceu t₁ que *pro*_{1/2} tinha que ir embora.

Com base nos exemplos (6) e (7), o autor mostra que, quando o objeto é passado à posição de tópico, uma posição A', ele passa a ser um referente possível (quando não o único) para o sujeito nulo, o que o leva à conclusão de que os sujeitos, nas sentenças do PB, ocupam uma posição A'. O que motivaria o movimento para A', no PB, seria o fato de que, nas línguas de concordância pobre, a única forma de licenciar o sujeito nulo é preencher o seu especificador.

Para confirmar empiricamente sua proposta, o autor explica quatro comportamentos do sujeito nulo no PB com base em sua hipótese: a) a especialização das formas pronominais proposta por Negrão (1997); b) ligação da categoria vazia ao sujeito mais próximo em termos de c-comando; c) impossibilidade de se ter sujeitos nulos em sentenças relativas, mas não em outros NPs complexos ou ilhas de adjuntos.

Em relação ao primeiro item, Negrão (1997) afirma que os pronomes no PB estariam passando por um processo de especialização em que sujeitos nulos seriam lidos apenas como variáveis, diferentemente dos pronomes manifestos.

Em Modesto (2004), o autor não mais considera o sujeito nulo uma categoria pronominal. Comparando o sujeito nulo de terceira pessoa do PB, finlandês e chinês, o autor defende que a categoria vazia que ocupa a posição de sujeito trata-se de um tópico nulo.

Modesto explica que, no PB, o objeto não pode ser tomado como antecedente do sujeito nulo, a não ser quando movido (sentenças (8) e (9)), relativizado (sentenças (8) e (9)) ou topicalizado (sentenças (8) e (9)); nesses casos, o sujeito deixa de ser um antecedente possível para a categoria vazia.

(8) a) Quem₂ que o Feco₁ avisou t₂ que e*_{1/2} precisa trabalhar até mais tarde?

b) O cara₂ que o Feco₁ avisou t₂ que e*_{1/2} precisa trabalhar até mais tarde já chegou.

c) A Dani₂, o Feco₁ avisou t₂ que e*_{1/2} precisa trabalhar até mais tarde.

(9) a) Quem₂ que o Feco₁ convenceu t₂ que e*_{1/2} pode se eleger?

b) O cara₂ que o Feco₁ convenceu t₂ que e*_{1/2} pode se eleger já chegou.

c) A Dani₂, o Feco₁ convenceu t₂ que e*_{1/2} pode se eleger.

Em relação às sentenças em (16) e (17), o autor afirma que o sujeito só poderia ser um referente para a categoria vazia quando, na oração encaixada, um pronome manifesto é inserido (nesse caso, a sentença se tornaria ambígua).

Com base nos exemplos abaixo, o autor explica que a ambiguidade existente quando se considera um tópico é causada justamente pelo fato de esse elemento poder ser gerado ou movido: quando se considera que o tópico foi movido, ele é o único referente possível para a categoria vazia; quando se considera que ele foi gerado, é o sujeito quem passa a ser o único antecedente possível.

- (10) a) *Quem₁ que o Feco conhece o jornalista que entrevistou e_1 ?
 b) *O cara₁ que o Feco₁ conhece o jornalista que entrevistou e_1 já chegou.
 c) A Dani₁, o Feco conhece o jornalista que entrevistou e_1 .

Vieira (2014) diz que quando se considera que um tópico é gerado – o que é realizado ao se inserir um pronome resuntivo – somente o sujeito pode ser o referente da categoria vazia (exemplo (11), abaixo), segundo Modesto, o que também ressalta a necessidade de movimento:

- (11) A Dani₂, o Feco₁ convenceu ela₁ que ___₁/*₂ pode se eleger.

O autor argumenta ainda que o fato de sintagmas-qu deixados *in situ* não poderem ser admitidos como antecedentes de um sujeito nulo na oração encaixada também confirma a relação entre antecedência e referência, como em (12):

- (12) O Feco¹ convenceu quem² que ___¹/*² pode se eleger?

Portanto, os sujeitos nulos são possíveis nessas línguas porque é permitido que um tópico seja apagado em uma cadeia de tópicos.

Modesto também explica outro ponto com a sua análise: os efeitos de intervenção causados por expressões referenciais, como em (13):

- (13) a) O Feco₁ me falou que *e*₁ vende cachorro quente na praia.
 b) O Feco₁ me falou que na praia *e**₁ vende cachorro quente.

A partir das diferenças semânticas em (13) e a análise de apagamento de tópico proposta pelo autor, ele argumenta que efeitos desse tipo são esperados, já que a expressão referencial impede a formação de uma cadeia de tópicos.

Vieira (2014) diz que segundo Modesto, como a relação que se tem entre o sujeito nulo da encaixada e o sujeito da oração principal é de ligação, esse efeito é esperado, como ilustra (14):

- (14) a) O Feco₁ me falou que ___₁ vende cachorro quente na praia.
 b) O Feco₁ me falou que na praia ___*_{1/3} vende cachorro quente.
 c) Na praia, o Feco₁ me falou que (___₁) vende cachorro quente.

Vieira (2014) diz que para o autor, o exemplo (14) mostra que, se há um elemento que ocupa SpecFP, a cadeia entre o sujeito nulo e o sujeito da oração principal é desfeita e o sujeito da oração encaixada é interpretado como genérico.

1.1.4 Rodrigues (2004): movimento do sujeito da oração encaixada

Vieira (2014) traz os argumentos utilizados por Rodrigues para comprovar o movimento de DPs sujeitos, são os seguintes: a) comportamento anafórico dos sujeitos nulos; b) obediência do sujeito nulo às Condições Mínimas de Ligação (MLC), ou seja, em uma sentença encaixada, o sujeito nulo se liga ao sintagma c-comandado mais próximo; c) inexistência de sujeitos nulos em orações relativas; d) presença das características de controle obrigatório nos

sujeitos nulos (seguindo Hornstein, Rodrigues considera PRO derivado de movimento); e) incorrência de sujeitos nulos em sentenças iniciadas por *como*. A autora ainda apresenta a concordância de gênero como um argumento adicional para a noção de movimento do sujeito.

A primeira evidência utilizada por Rodrigues para atestar o movimento de um sujeito da oração encaixada para a posição de sujeito da oração principal é o comportamento anafórico do sujeito nulo, como ilustra (15) e (16):

(15) **e* estava cansado.

(16) O João₁ disse que *e*₁ estava cansado.

Comparando-se as sentenças (15) e (16), a autora mostra que, no PB, sujeitos nulos referenciais não são possíveis sem um antecedente. Uma evidência adicional ao comportamento anafórico do sujeito é a agramaticalidade de sentenças formadas com sujeitos nulos encaixados que se referem a um expletivo (como (17)):

(17) **pro_{expl}* parece que *e*₁ tinha telefonado.

A segunda evidência em favor do movimento do sujeito diz respeito a uma característica dos antecedentes dos sujeitos nulos encaixados: o antecedente deve ser o sintagma c-comandado mais próximo. A sentença (18) mostra essa característica:

(18) O Paulo₁ me contou que o João₂ disse que *e**_{1/2} vai ser promovido.

Em seguida, a autora aborda um caso de interveniência. Os locativos, no PB, bloqueiam a correferência entre um sujeito nulo e o sujeito da oração principal, como se verifica em (19):

(19) a) João₁ me contou que na praia *(*e*₁) vende cachorro quente.

b) João₁ me contou que *e*₁ vende cachorro quente na praia.

Em relação ao exemplo (19), a autora afirma que somente uma expressão referencial pode bloquear a correferência.

A terceira evidência utilizada para postular o movimento em orações finitas são as propriedades de controle obrigatório presentes nos sujeitos nulos em PB. A autora mostra que o PB apresenta todas as propriedades de controle obrigatório sugeridas por Hornstein (1999, 2001): a) o elemento controlado é anafórico (exemplo (20) b) antecedentes divididos não são permitidos (exemplo (21)); c) uma leitura de *se* é obrigatória, como em (23); d) no formato *só*-NP apenas uma interpretação covariante é possível, conforme (25):

(20) a) * Parece que saiu.

b) [O Pai do Paulo₁]₂ disse que e_1 vai ser promovido. O Paulo₁ sabe que o João₂ disse que $e_{*1/2}$ tinha de sair.

(21) *A Maria₁ disse que o João₂ acredita que e_{1+2} vão morar juntos.

A interpretação de *se* do sujeito nulo encaixado pode ser verificada em (23), segundo a autora. Considerando o texto em (22), a afirmação em (23) é falsa, enquanto em (24) pode ser verdadeira ou falsa:

(22) Devido ao Alzheimer, Ronald Reagan não consegue se lembrar quem era. Um dia, lendo o jornal, ele leu a manchete: “Reagan foi o quadragésimo presidente dos EUA”. Após terminar o artigo, Ronald Reagan soube que uma pessoa chamada Reagan foi o quadragésimo presidente dos EUA.

(23) O Ronald Reagan₁ sabe que e_1 foi o quadragésimo presidente dos EUA.

(24) O [Ronald Reagan₁]₂ sabe que $e_{1/2}$ foi o quadragésimo presidente dos EUA.

Fica claro nos exemplos acima que o que a autora quer mostrar é que o sujeito nulo não se comporta como um pronome, mas como uma anáfora, diferentemente do sujeito manifesto,

que permite uma dupla leitura. Essa leitura anafórica do sujeito nulo pode ser explicada pelo movimento, ou seja, considerando a categoria nula como traço do movimento do sujeito, que agora está na oração principal.

A leitura invariante de sujeitos nulos ligados a sintagmas formados por só-DP, como (25), retirado de Negrão (1999), também é explicado pelo movimento por Rodrigues:

(25) a) [Só o Maluf]₁ acha que *e*₁ vai ganhar as eleições.

b) Só o [Maluf]₁ acha que ele₁ vai ganhar as eleições.

Vieira (2014) mostra que a autora afirma que a leitura invariante da categoria nula ocorre devido ao movimento do sintagma inteiro à posição de sujeito. No PB, segundo Rodrigues, as sentenças seguidas de *como* não permitem sujeitos nulos correferentes ao sujeito da oração principal, como se pode ver em (26) e (27):

(26) a) [O que]₁ a Maria não é capaz de ver que/*como ela está fazendo errado.

b) Ele nunca vai ver que/*como nada está acontecendo na vida dele.

c) Ninguém vê que/*como é parte do sistema.

(27) Com o tempo, a Maria₁ vai ver como ela_{1/2/*e}₁ tem razão.

Percebe-se, confrontando os exemplos em (26) com o exemplo em (27), que o sujeito de orações iniciadas por *como* deve ser explícito.

Vieira (2014) diz que em relação às sentenças relativas, segundo Rodrigues, os sujeitos nulos se comportam como traços de *qu-* (29), sendo impossíveis de ocorrer em sentenças relativas, como mostra (28):

(28) O João encontrou a carteira que ele/*e**₁ perdeu.

(29) *Quem₁ que o João encontrou a carteira que *e*₁ perdeu?

Essa restrição ocorre inclusive quando o referente é quantificador, como em (30):

- (30) Ninguém encontrou a carteira que perdeu.

1.1.5 Rabelo (2010): sujeitos nulos em orações finitas e infinitivas

Vieira (2014) também aborda os estudos de Rabelo (2010). Rabelo propõe uma abordagem unificada aos sujeitos nulos de primeira e terceira pessoas nos dois tipos de orações. Para ela, a morfologia, em todos os casos, permite a realização do sujeito nulo no PB. As diferenças verificadas na interpretação de cada pessoa gramatical em orações finitas ocorrem devido à presença/ausência da propriedade que permite a interpretação definida do sujeito nulo.

Vieira (2014) diz que Rabelo primeiramente caracteriza o sujeito nulo do PB em orações finitas dependentes e independentes. Assim, em relação às orações finitas independentes com sujeitos nulos de primeira pessoa, o sujeito nulo, plural ou singular, é licenciado e se alterna com o sujeito manifesto, como ilustram as sentenças em (31) e (32), abaixo:

- (31) a) (eu) saí ontem bem mais cedo.
b) (eu) encontrei a Sofia em frente à escola.
c) (eu) vou sempre de carro para o trabalho.
- (32) a) (nós) saímos ontem bem mais cedo.
b) (nós) encontramos a Sofia em frente à escola.
c) (nós) vamos sempre de carro para o trabalho.

Vieira (2014) aponta, conforme estudos de Rabelo, que nas orações independentes com sujeitos nulos de terceira pessoa, o sujeito nulo de referência definida não é licenciado, como demonstram os exemplos (33), no singular, e (34), no plural; deve-se garantir a inserção do pronome. A terceira pessoa nula só é possível quando a interpretação é arbitrária (35) ou

quando a referência é recuperada no discurso (36). É possível também em construções associadas a expletivos em línguas de sujeito pleno (37).

(33)

- a. *saiu ontem bem mais cedo.

Ele saiu ontem bem mais cedo.

- b. *encontrou a Sofia em frente à escola.

Ele encontrou a Sofia em frente à escola.

(34)

- a. *saíram ontem bem mais cedo.

Eles saíram ontem bem mais cedo.

- b. *encontraram a Sofia em frente à escola.

Eles encontraram a Sofia em frente à escola.

- (35) a) Na praia vende sorvete.

- b) Usa muita saia no verão.

- c) (Aqui) conserta sapatos.

- d) Encontraram a Sofia em frente à escola.

- e) Bateram na porta com muita força.

(36)

- a. E o Pedro?

– Saiu bem mais cedo ontem.

- b. Você tem notícias dos filhos da Maria?

– Encontraram Sofia ontem na escola.

- (37) a) Choveu muito em São Paulo esse ano.

- b) Parece que o João conseguiu um novo emprego.

Em relação às orações encaixadas, os SNs de primeira pessoa são licenciados tanto no singular quanto no plural (38):

(38) a) O João/Eu disse que (eu) quebrei o vaso.

b) O João/Eu disse que (nós) quebramos a vidraça.

Os sujeitos nulos encaixados de terceira pessoa, por outro lado, são licenciados com a leitura arbitrária (39); em contextos de expletivos (40) e se um antecedente está disponível, seja no discurso (41) ou na oração matriz (42):

(39) a) O João disse que vende sorvete na praia.

b) As crianças disseram que vendem sorvete na praia.

(40) a) O João disse que ec_{expl} choveu muito em São Paulo

b) O Pedro disse que ec_{expl} parece que o Pedro conseguiu um novo emprego.

(41) a) – O João telefonou?

b) – O Pedro disse que ec_1 telefonou.

(42) O Pedro₁ disse que $ec_{1/*2}$ telefonou.

A autora argumenta que a diferença entre o PB e as línguas de sujeito nulo clássicos se instala na impossibilidade de, no PB, a 3ª pessoa nula receber uma interpretação única, definida. Vieira (2014) diz que outro fator presente no PB e ausente nas línguas de sujeito nulo é o fato de ser possível a leitura arbitrária sem a inserção de *se*.

Com base em sua proposta, Rabelo explica então as seguintes propriedades do sujeito nulo no PB: a) interpretação de *se*; b) leitura impessoal e c) impossibilidade de antecedentes divididos. Segundo a autora, como o morfema de terceira pessoa introduz uma variável – que precisa ser valorada para ser interpretada –, a interpretação de *se* é causada pelo fato de a variável introduzida pelo morfema de terceira pessoa ligar-se necessariamente ao sujeito da oração

principal e proporcionar naturalmente esse tipo de leitura. Entretanto, Rabelo ressalta que, apesar da necessidade de ligação do sujeito nulo a um antecedente, existem sentenças gramaticais em que tal fato não ocorre, como aquelas em que se verifica uma leitura arbitrária/genérica. A autora argumenta, para explicar esse caso, que o morfema de terceira pessoa se comporta como o clítico *se* nas demais línguas de sujeito nulo.

1.1.6 Pilati & Naves (2013): admissão de proformas como sujeitos no PB

Vieira (2014) diz que Pilati & Naves (2013) defendem que o português do Brasil (PB) passou por transformações em seu sistema pronominal de terceira pessoa, que permitiram a ocupação da posição de sujeito por elementos atípicos, como locativos, temporais ou possessivos. As autoras seguem em parte a proposta de Rabelo (2010), segundo a qual houve uma cisão da terceira pessoa no PB.

- (43) a) Toma posse o deputado.
 b) Morreu Felini.
 c) Ali dorme a Maria.

As características das sentenças com a ordem verbo-sujeito, (43), são definidas em Pilati (2006). Para a autora, os contextos de VS do PB são restritos a contextos específicos e os sujeitos nulos dessas orações “recebem uma interpretação dêitica, que pode ser de natureza locativa ou temporal” (PILATI & NAVES 2013, p.2). Segundo a autora, os exemplos (43), acima, são aceitáveis, respectivamente, em contextos “relacionados ao momento da enunciação ou a um lugar específico cuja referência é compartilhada pelos interlocutores” (p.3).

As autoras argumentam ainda que, nas situações em que o sujeito é nulo (em (44), abaixo), há duas possibilidades de interpretação: uma dêitica, relacionada ao local, e outra indefinida.

- (44) a) Não usa mais saia.
 b) ‘No Brasil/Aqui não usa mais saia.’
 c) ‘A gente não usa mais saia.’

As últimas construções analisadas pelas autoras foram aquelas em que elementos não argumentais estão localizados na posição de sujeito, como em (45) e (46).

- (45) Brasília não chove há mais de 90 dias.

(46) Londres tem prédios lindos.

Em relação às construções acima, as autoras verificam que, assim como ocorre com as demais, as construções com sujeitos não argumentais também possuem um locativo que ocupa a posição de sujeito da sentença.

Segundo as autoras, os quatro tipos de sentenças acima, aparentemente distintas, têm em comum o fato de serem construídas com a 3ª pessoa, fato que aponta para uma modificação das características dos traços de terceira pessoa do PB.

Como suporte para sua teoria, as autoras utilizam a proposta de Bhat (2004), que atesta a existência de dois tipos de pronomes: os pronomes pessoais, relacionados aos indivíduos que participam do ato de fala, e as *proformas*, ligadas aos demais referentes. Esse fato permitiu postular a existência de dois grupos de línguas: a) línguas de duas pessoas – as quais relacionam a primeira e segunda pessoas do discurso aos atos de fala e aproximam os pronomes ligados à terceira pessoa às demais *proformas* e b) línguas de três pessoas – as quais contrapõem as três pessoas do discurso aos demais pronomes.

Pilati & Naves (2013), aliando a proposta do autor aos fatos empíricos verificados nas construções com a terceira pessoa no PB, chegam à conclusão de que a terceira pessoa admite elementos não canônicos na posição de sujeito, ou seja, na tipologia proposta por Bhat (2004), o PB pertence ao grupo de línguas que contrapõe a primeira e a segunda pessoa, de um lado, e a terceira de outro.

1.2 O sujeito nulo no PB – análise de dados

Nesta parte do trabalho, serão apresentadas as conclusões de Vieira (2014) acerca de sua coleta de dados.

1.2.1 Sujeitos nulos referenciais

Vieira (2014) diz que em relação aos sujeitos nulos referenciais, todos os autores estudados concordam que o sujeito nulo referencial de terceira pessoa não é gramatical em orações matizes, como nos exemplos (47), (48) e (49):

(47) **e* nada bastante.

(48) **e* estava cansado. [Rodrigues, 2004: XX]

(49) **e* saiu ontem bem mais cedo. [Rabelo, 2010: XX]

As opiniões são consensuais em relação ao fato da gramaticalidade da terceira pessoa, caso a sentença esteja vinculada a um contexto discursivo, como mostram (50) e (51):

(50) E o Paulo?

- comeu pizza. [Modesto, 2000: 150]

(51) E o Pedro?

- Saiu bem mais cedo ontem. [Rabelo, 2010: XX]

Conclui-se, então, que a 3ª pessoa nula referencial do PB em orações matrizes é admitida somente quando ligada a um contexto discursivo

1.2.2 Sujeitos nulos não referenciais

Como não referencial, Rabelo (2011) afirma que os sujeitos nulos em orações matrizes são possíveis no PB quando interpretados como arbitrários – em que um locativo ou temporal é necessário para garantir a interpretação, conforme exemplos (52), (53) e (54). São também licenciados como expletivos, como em (55) e (56):

(52) Na praia vende sorvete.

(53) Usa muita saia no verão.

(54) (Aqui) conserta sapatos. [Rabelo, 2011: 60]

(55) Choveu muito em São Paulo esse ano.

(56) Parece que o João conseguiu um novo emprego. [Rabelo, 2011: 61]

Vieira (2014) diz que em orações matrizes, a categoria vazia pode ter também uma interpretação dêitica, relacionada ao local ou ao tempo no momento da fala, caso em que as construções na ordem VS são admitidas – Pilati (2006) denomina esse elemento como *proloc*:

(57) Toma posse o deputado.

(58) Morreu Felini. [Pilati & Naves, 2013: 02]

No exemplo (58), retirado de Pilati & Naves (2013), entende-se que a sentença refere-se a uma ação que ocorreu em um momento próximo ao da fala. Em sentenças de tópico-sujeito,

as autoras mostram que elementos não canônicos, com interpretação locativa “ocupam uma posição pré-verbal, geralmente associada à posição de sujeito” (p.4), como mostra o exemplo (59):

(59) A localidade não ocorreu nenhum problema. [Pilati & Naves, 2013: 02]

Pilati & Naves (2013) ressaltam que a gramaticalidade de (59) está estritamente relacionada a um contexto discursivo em que seja possível depreender o local onde as frutas serão vendidas; em contextos *out-of-the-blue*, tais sentenças são agramaticais.

(60) Vende frutas. [Pilati & Naves, 2013: 05]

Portanto, em relação aos sujeitos nulos não referenciais em orações matrizes, Vieira (2014) diz que são licenciados como arbitrários e expletivos.

Quadro 2 – Resumo das características dos sujeitos nulos encaixados de terceira pessoa no PB. Vieira (2014, p.78).

Características do sujeito nulo de terceira pessoa	Exemplos	Observações
Referência do sujeito nulo ao sintagma c-comandado ao sujeito da oração principal	[O pai do Paulo ₁] ₂ disse que e* _{1/2} vai ser promovido.	Não há contraexemplos.
Referência do sujeito nulo ao objeto da oração principal	A Maria ₁ convenceu o Pedro ₂ que e _{1/*2} tinha de sair.	* Dado inovador: Será que ninguém ₁ avisou pra ele ₂ que depois das Olimpíadas de Beijng, e* _{1/2} teria que viver para o resto da vida dentro de uma bolha?
Referência do sujeito nulo ao sintagma mais próximo em termos de c-comando	O Paulo ₁ disse que o Pedro ₂ acredita que pro* _{1/2/*3} ganhou.	Não há contraexemplos.
Inocorrência em sentenças Relativas	O João ₁ encontrou a carteira que ele/e* ₁ perdeu.	* Dado inovador: Assim que deixou o confinamento, Diana disse que quis ficar com Natalia e gostou do beijo que deu nela.
Impossibilidade da categoria vazia de se referir a antecedentes divididos	O Feco ₁ disse pra Dani que e* ₁₊₂ fizeram besteira.	A Maria ₁ disse que o João ₂ acredita que e ₁₊₂ vão morar juntos.

Leitura do sujeito nulo quando referente a sintagmas do tipo <i>Só-NP</i>	Só o Malufl acha que <i>ec</i> ₁ vai ganhar as eleições.	Não há contraexemplos.
Leitura <i>sloppy</i> do sujeito nulo	O Pedro ₁ acha que é inteligente e o Paulo ₂ também.	Não há contraexemplos.
Inocorrência de sujeitos nulos em sentenças iniciadas por <i>como</i>	Ele nunca vai ver que/*como nada está acontecendo na vida dele.	* Dado inovador: Ela ₁ não disse como <i>e</i> ₁ obtém a maconha, mas disse: “Eu não quero ficar circulando de modo sorrateiro...”
Leitura <i>de se da</i> categoriavazia	O Ronald Reagan ₁ sabe que <i>e</i> ₁ foi o quadragésimo presidente dos EUA.	Não há contraexemplos.
Influência de intervenientes	O Feco disse pra Dani que na praia <i>e</i> vende sorvete.	O Feco disse pra Dani que em casa <i>e</i> vende cachorro quente.

1.2.3 Sujeitos nulos referenciais (contexto)

Quando referencial, é consenso entre os autores estudados que os sujeitos nulos de terceira pessoa em orações encaixadas são permitidos no momento em que encontram um antecedente definido, seja na sentença matriz, como em (61), seja no discurso, como mostra (62):

(61) O João₁ disse que *e*₁ estava cansado.

(62) a) E o Paulo₁?

b) - *e*₁ disse que *e*₁ estava cansado.

1.2.4 Sujeitos nulos referenciais em orações encaixadas (características)

1.2.5 Correferência apenas a sintagmas c-comandados

Vieira (2014), em seu trabalho, admite que a referência da categoria vazia apenas a sintagmas c-comandados tem sido tomada como pressuposto de todos os estudos que buscam explicar o

comportamento da morfologia de terceira pessoa no PB. Negrão (1999) e Modesto (2000, 2004 e 2008) afirmam que a categoria vazia admite somente sintagmas c-comandados como referentes. O exemplo (63) ilustra essa propriedade:

(63) [O pai do Paulo₁]₂ disse que $e_{*1/2}$ vai ser promovido.

Em (63), a impossibilidade de referência da categoria vazia ao sintagma Paulo mostra que o sujeito nulo admite apenas a referência ao sintagma c-comandado.

Vieira (2014) aponta que todos os estudos tomam como pressuposto que o objeto *in situ* não é um referente possível para o sujeito nulo encaixado. Essa premissa trata-se de um dos principais fundamentos de Modesto (2000, 2004 e 2008) para estabelecer a relação entre movimento e antecedência do sujeito e é admitida por Rodrigues (2004) e Rabelo (2011) em suas análises.

(64) O Feco₁ convenceu quem₁ que $e_{1/*1}$ tinha que ir embora? [Modesto, 2000:155]

Segundo o autor, “se o objeto for movido por movimento-qu, relativizado ou topicalizado, ele se torna um possível antecedente. Na verdade, quando há movimento-qu e relativização, o objeto se torna o único antecedente possível para o sujeito nulo”. (MODESTO, 2004, p.130).

(65) a) Quem₂ que o Feco₁ avisou que $e_{*1/2}$ precisa trabalhar até mais tarde?

b) Quem₂ que o Feco₁ convenceu que $e_{*1/2}$ pode se eleger?

Segundo o autor, o caso em que o sujeito da oração principal se torna um antecedente possível para o sujeito nulo encaixado ocorre quando um pronome explícito é incluído abaixo da posição de sujeito, o que, para o autor, torna a sentença ambígua.

Conquanto existam controvérsias acerca da referência da categoria vazia no caso de movimento, a breve discussão acima mostra que todos os autores estudados tomam como pressuposto a afirmação de que a categoria vazia não aceita objetos *in situ* como referentes.

1.2.6 Referência ao sintagma c-comandado mais próximo

Em relação à segunda característica, os estudos que trataram de sentenças encaixadas consideraram que o sujeito da categoria vazia sempre se referirá ao sintagma c-comandado mais próximo, como em (66):

- (66) O Paulo₁ disse que o Pedro₂ acredita que *pro*_{*1/2/*3} ganhou.

Rodrigues (2004) aponta que a referência ao sintagma c-comandado mais próximo não ocorre com verbos de alçamento, como em (67) e (68):

- (67) A Maria₁ me disse que parece que *e*₁ vai ser promovida.

- (68) *?Os meninos₁ me falaram que parece que *e*₁ vão ser promovidos.

Vieira (2014) entra em consenso com Rodrigues, mas diz também que considerando o preenchimento da posição de sujeito de expletivos, a referência se mantém. Adaptando a sentença em (68), tem-se (69):

- (69) A Maria₁ me disse que o João₂ parece que *e*_{*1/2} vai ser promovido.

Diante dos dados acima, Vieira (2014) diz que talvez o mais correto a se afirmar sobre o sujeito nulo, nesse caso, não seria que ele se liga ao sintagma c-comandado mais próximo, mas que, caso haja dois antecedentes c-comandados definidos, ele se ligará ao mais próximo.

1.2.7 Inocorrência de sujeitos nulos em sentenças relativas

Em relação à incoerência de sujeitos nulos em sentenças relativas, Modesto (2000, 2004, 2008) e Rodrigues (2004) afirmam que ela é agramatical no PB. O exemplo (70), de Rodrigues (2004), ilustra essa afirmação:

(70) O João encontrou a carteira que ele/ e_{*1} perdeu.

1.2.8 Impossibilidade de antecedentes divididos

Outra característica apontada por Modesto (2000, 2004, 2008) e Rodrigues (2004) seria a impossibilidade de o sujeito nulo admitir antecedentes divididos, como em (71):

(71) O Feco₁ disse pra Dani₂ que $e_{*1+2/3}$ fizeram besteira.

1.2.9 Leitura invariante de sintagmas do tipo só-NP

Outra característica dos sujeitos nulos encaixados foi apontada em Negrão & Viotti (2000), com base em Negrão (1999): diante de sintagmas do tipo Só-NP, o sujeito nulo encaixado possui apenas uma leitura invariante, como em (72):

(72) Só o Maluf₁ acha que ec_1 vai ganhar as eleições.

1.2.10 Leitura *sloppy* do sujeito nulo em caso de eclipse de VP

Vieira (2014) traz ainda como características dos sujeitos nulos encaixados a leitura *sloppy* do sujeito nulo nos casos em há eclipse de VP, com base em Negrão (1999), ilustrado por (73):

(73) O Pedro₁ acha que é inteligente e o Paulo₂ também.

1.2.11 Leitura de *se* e ausência de sujeitos nulos em sentenças iniciadas por *como*

Rodrigues (2004) acrescenta duas outras características do sujeito nulo, quais sejam: a) leitura de *se* da categoria vazia (74) e b) ausência de sujeitos nulos em sentenças iniciadas por *como* (75).

(74) O Ronald Reagan₁ sabe que e_1 foi o quadragésimo presidente dos EUA.

(75) Ele nunca vai ver que/**como* nada está acontecendo na vida dele.

1.2.12 Sujeitos nulos não referenciais

Em relação aos sujeitos não referenciais, o sujeito nulo também é possível quando expletivo (76) e arbitrário (77):

(76) a) O João disse que ec_{expl} choveu muito em São Paulo. [Rabelo, 2010: 62]

b) O Pedro disse que ec_{expl} parece que o João conseguiu um novo emprego. [Rabelo, 2010: 61]

(77) O Feco₁ disse pra Dani₂ que na praia $e_{*1/3}$ vende sorvete.

CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DE REDAÇÕES

O presente capítulo investiga a ocorrência de sujeitos nulos em redações de alunos do Ensino Médio e de textos diversos retirados da internet, mais precisamente, do sítio UoL e do Portal da Educação, a fim de verificar se os casos inovadores atestados por Vieira (2014) podem ser encontrados ou não.

Devido à queda paramétrica do PB, tem-se atualmente uma convivência entre a escrita e fala formal com a escrita e fala coloquial, em que o registro das seis flexões verbais estão entrando em desuso, isso devido a mudança linguística (influência da oralidade na escrita) em que o PB se encontra, no entanto, ainda há casos em que falantes do PB utilizam sujeitos nulos.

Duarte (1993), tanto em estudo diacrônico como sincrônico do PB, verificou que o preenchimento do sujeito vem ocorrendo de forma progressiva, tal fato ocorreu concomitantemente com a redução do paradigma verbal do PB (de seis pessoas gramaticais, a morfologia flexional passou a identificar apenas três: a primeira pessoa do singular, a terceira pessoa do plural e as demais, indicadas pela flexão de terceira pessoa do singular).

A oração em ((1) abaixo) exemplifica o preenchimento do sujeito:

- (1) Nos tempos em que o homem₁ caçava o seu próprio alimento era ele₁ quem decidia se ele₁ morria de fome, ou se ele₁ continuava a viver.

A partir do exemplo (2), extraído de uma redação de um aluno do Ensino Médio, torna-se perceptível que a partícula *se* sempre indetermina o sujeito e esse, neste contexto, será de interpretação genérica.

- (2) Fala-se sempre de meios que visam solucionar o dilema da pobreza.

Mudanças ocorridas no sistema pronominal do Português Brasileiro levaram a uma preferência pelo preenchimento do sujeito tanto de referência definida quanto arbitrária, como revelam estudos, como os de Duarte (2000). Negrão concluiu, diferentemente de Duarte, que os sujeitos nulos não deixariam de existir no PB, mas passariam a ocorrer em contextos específicos

2.1 Análise de dados

Essa parte traz os exemplos da análise de dados. As redações foram selecionadas conforme a ocorrência de sujeitos nulos, ou seja, de vinte redações analisadas, nesta parte estão presentes somente exemplos daquelas em que puderam ser observadas as ocorrências de sujeitos nulos conforme o quadro 2, página 78 de Vieira (2014). Os textos escolhidos foram retirados do banco de redações do sítio UoL, de alunos de Educação Básica, e de sítios diversos.

A) Referência do sujeito nulo ao sintagma c-comandado ao sujeito da oração principal:

- (3) O[problema do "bullying"₁]₂ na escola não é algo fácil, muitas vezes pode_{*1/2} levar a morte ou a traumas. (Texto 3)
- (4) As férias₁ no mundo árabe são de junho a agosto, quase coincidem₁ com as férias escolares daqui. (Texto 6)
- (5) E finalmente, quando já não há mais o que ser feito, tanto a família quanto a escola delegam suas funções de educar ao poder considerado "maior", que é a polícia, que acaba ficando incumbida de "educar" o indivíduo para viver em sociedade. Algo₁ que

já deveria ter sido realizado no decorrer da infância e juventude e que devido às mais diversas falhas acaba₁ se utilizando desse "meio" como um fim. (Texto 1)

Os exemplos (3), (4) e (5) corroboram Vieira (2014).

B) Impossibilidade da categoria vazia de se referir a antecedentes divididos

(6) Em entrevista, Parreira analisa as manifestações das ruas, contrárias à realização da Copa, e comenta o tumultuado namoro entre [Neymar₁ e Bruna Marquezine₂]₃. “Desde que começaram_{1/*2/3} a namorar, ele não mudou nada”. (Texto 6)

O exemplo (6) corrobora Vieira (2014).

C) Leitura *de se* da categoria vazia

(7) Descontraído, fala₁ que sai para beber vinho com o técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão. “Ele bebe um pouquinho mais do que eu”, brinca ele, casado com Leila há 41 anos, com quem tem duas filhas: a arquiteta Dani e a publicitária Vanessa, que lhe deram os netos Letícia, Lucas, Rafael, Isabela e Laura. (Texto 6)

O exemplo (7) corrobora Vieira (2014).

D) Referência do sujeito nulo ao objeto da oração principal

(8) Já no caso das escolas o comportamento desses agressores₁ deve-se ao fato de eles se acharem superiores. E para mostrar que são₁ melhores ridicularizam₁ ou agridem₁ fisicamente outras pessoas. (Texto 4)

(9) A família delega à escola₁ que, por sua vez, procura₁ se eximir. (Texto 1)

- (10) Portanto, a automedicação é o reflexo da [frágil estrutura]₁ de saúde do Brasil, que necessita₁ de uma melhor qualidade₂, que [pode e deveria]₂ ser concebida através de um repasse maior das receitas da união para a saúde. (Texto 2)
- (11) Solucionar o problema do "bullying"₁ na escola não é algo fácil, muitas vezes pode₁ levar a morte ou a traumas (Texto 3)
- (12) De acordo com Chiavenato (1998), os [fatores externos]₁ são decorrentes do ambiente, que envolvem₁ as características organizacionais, como: sistemas de recompensas e punições, os fatores sociais, as políticas organizacionais etc. (Texto 5)

Os exemplos (8), (9) e (10) corroboram Vieira (2014), enquanto o exemplo (12) se trata de um caso inovador, pois neste o referente é o sujeito da oração principal e não o objeto, como ocorre nos demais. O exemplo (11) também se trata de um caso inovador, pois nele o que se tem é o controle do objeto a partir do sujeito genérico.

E) Inocorrência em sentenças relativas

- (13) Para tentar acabar ou diminuir o "bullying" na escola, os professores sabem que eles₁ devem₁ fazer trabalhos, seminários e outras atividades para tentar amenizar este problema. (Texto 3)
- (14) A família delega à escola que₁, por sua vez, procura₁ se eximir. (Texto 1)

Os exemplos (13) e (14) corroboram Vieira (2014).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Com a análise de dados é possível identificar a ocorrência de sujeitos nulos, como afirma Negrão (1999), ou seja, os sujeitos nulos não deixaram de existir no PB, mas passaram a ocorrer em contextos específicos.

Deve-se ressaltar, conforme postula Rabelo (2010), que a morfologia, em todos os casos, permite a realização do sujeito nulo no PB. As diferenças verificadas na interpretação de cada pessoa gramatical em orações finitas ocorrem devido à presença/ausência da propriedade que permite a interpretação definida do sujeito nulo.

Foi possível identificar a partir da análise de dados que há diferentes comportamentos de sujeitos nulos e principalmente daqueles inovadores. Foi atestado que sujeitos nulos ocorrem em redações de alunos da Educação Básica e em textos diversos retirados da internet. Constatou-se que tais ocorrências de sujeitos nulos corroboram a dissertação de mestrado de Vieira (2014), pois foi possível observar exemplos semelhantes aos levantados pela autora em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo o estudo do sujeito de 3ª pessoa nula no PB. O trabalho se dividiu em duas partes: a) revisão literária de Vieira (2014), que trouxe uma revisão bibliográfica de estudos relevantes e b) análises das ocorrências dos sujeitos nulos em redações de alunos do Ensino Médio e em textos diversos retirados da internet, constatando-se que os casos inovadores atestados por Vieira (2014) podem ser encontrados em textos da Educação Básica e em textos diversos retirados da internet.

Foi focalizado o estudo da leitura arbitrária de sujeitos nulos de 3ª pessoa. O objetivo central foi o de mostrar através de análise de dados como a mudança paramétrica vem alterando a escrita dos brasileiros, culminando em diferentes análises de sujeitos nulos de terceira pessoa. Cabe ressaltar que foi apresentado o como o português falado influencia a escrita e a altera, sendo atestado em redações da Educação Básica.

Negrão (1999), apontou que o preenchimento de sujeitos de primeira pessoa, apesar de morfologicamente realizado, era superior ao da terceira pessoa, a qual, segundo a autora, não era identificada pela morfologia, o que tornaria o PB uma língua de tópico proeminente. Negrão concluiu, diferentemente de Duarte, que os sujeitos nulos não deixariam de existir no PB, mas passariam a ocorrer em contextos específicos.

Vieira (2014) pôde constatar que estudiosos têm analisado as construções com a terceira pessoa nula como contextos com leitura genérica, e que no português do Brasil, há contextos com leitura genérica, mas também há contexto com leitura arbitrária.

Por fim, este trabalho foi dividido em: a) capítulo 1 que trouxe alguns pressupostos teóricos básicos necessários ao entendimento do problema, com base em Vieira (2014) foram apresentadas as principais propostas teóricas que explicam a permanência de sujeitos nulos de terceira pessoa em determinados contextos sintáticos e b) capítulo 2 em que foram analisadas as ocorrências dos sujeitos nulos em redações de alunos do Ensino Médio e em textos diversos retirados da internet a fim de investigar os dados inovadores levantados por Vieira (2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIEIRA, Juliana Maria Coutinho. *Tópico Proeminente e Sujeito Nulo no PB: Questões em Aberto*. Universidade de Brasília. 2014

DUARTE, Maria Eugênia L. (2003) A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In M. da C. Paiva & M. E. Duarte (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, pp. 115-128.

CALVACANTE, Silvia R. de Oliveira. DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Sujeitos de referência arbitrária em sentenças infinitivas do português e o parâmetro do sujeito nulo*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

DUARTE, M.E.L. (2007) Termos da Oração. In: VIEIRA S.R.& BRANDÃO, S. F. (Orgs.) *Ensino de Gramática. Descrição e uso*. São Paulo. Editora Contexto. pp. 186-204.

PORTAL EDUCAÇÃO. Disponível em <portaleducacao.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2014.

UOL. Disponível em <educacao.uol.com.br/bancoderedacoes>. Acesso em: 4 jul. 2014

APÊNDICE

Texto 1

"Bullying": responsabilidade da família ou da escola?

O ser humano se difere dos demais animais justamente por sua capacidade de se organizar em sociedade, o que implica conviver com as diferenças e principalmente respeitar o outro. Porém, apesar de o ser humano ser dotado dessa faculdade mental, ainda se vê cometendo atos como do "bullying", em que o outro indivíduo acaba tendo seus direitos, no mínimo, desrespeitados.

Essa prática não está escolhendo ambiente para se difundir. Porém é possível verificar que tem aumentado muito no âmbito escolar, onde os estudantes além de participarem e/ou incentivarem estão tendo a ousadia de filmar e depois exporem num veículo de maior circulação, que é a internet. Ou seja, seus atos, apesar de vergonhosos, estão sendo expostos a milhares de jovens, servindo como meio para mais incitações às violências e o que deveria ser tido como vexatório passa a ser considerado "normal" e principal motivo de seus "prazeres" juvenis.

E nesse contexto de discórdia agrupa-se mais uma: de quem é a responsabilidade pela educação do jovem? A família delega à escola que por sua vez procura se eximir, creditando toda a educação à família e declarando que à escola compete apenas a "formação", como se educação não fizesse parte da formação. Cria-se então um vazio no que tange à responsabilidade cabal pelo que vem ocorrendo.

E finalmente, quando já não há mais o que ser feito, tanto a família quanto a escola delegam suas funções de educar ao poder considerado "maior", que é a polícia, que acaba ficando

incumbida de "educar" o indivíduo para viver em sociedade. Algo que já deveria ter sido realizado no decorrer da infância e juventude e que devido às mais diversas falhas acaba se utilizando desse "meio" como um fim.

A responsabilidade de educar a criança e o jovem para que não desrespeitem o outro cabe sim tanto à família, quanto à escola e também à sociedade. Pois, os jovens nada mais são do que o produto final de tudo o que estão colhendo à sua volta e no meio em que vivem. E quando a família deixa de executar o seu papel, a escola tenta se esquivar e a sociedade se omite: os jovens procuram os seus próprios caminhos, e muitas vezes, de maneira errada tentam estabelecer os seus grupos através da força e da violência, humilhando e excluindo o indivíduo que é considerado "indesejável" no meio em que vive. No momento em que família, escola e sociedade se conscientizarem de seus papéis, com certeza unirão forças para um mundo melhor e mais humano.

[Texto retirado de:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/ult4657u651.jhtm>>]

Texto 2

Os sintomas de um país despreocupado

A utilização de medicamentos por conta própria vem preocupando médicos e farmacêuticos do Brasil. Segundo uma recente pesquisa realizada pelo ICTQ (Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade), a prática da automedicação é constante entre a maioria da população (76,1%). Destes, (90,1%) são de jovens entre 16 e 24 anos. Procurar os motivos dessa conduta arriscada pode nos levar a questões políticas e culturais.

Vejamos, a cobertura por planos de saúde privados ainda é cara e de difícil acesso para a maioria da população. Estima-se que apenas 25% dos brasileiros estão vinculados a algum

desses sistemas. Somando a esse fato, encontra-se o frágil sistema público de saúde, o SUS, com condições mínimas de atendimentos e qualidade, carente de mais atenção.

Por outro lado, vemos a facilidade na obtenção de medicamentos em farmácias, alguns de forma ilegal. Tudo isso leva as pessoas, principalmente os jovens, a buscarem em primeira opção, mais simples e rápida, a compra e o consumo por conta própria, baseando-se em experiências de terceiros e deixando o atendimento especializado em segundo plano, tal prática arriscada, sendo que todo e qualquer remédio tem efeitos colaterais.

Portanto, a automedicação é o reflexo da frágil estrutura de saúde do Brasil, que necessita de uma melhor qualidade, que pode e deveria ser concebida através de um repasse maior das receitas da união para a saúde. E usar os meios medianos para a conscientização dos riscos de que o consumo de medicamentos sem prescrição de um profissional capacitado pode trazer, a fim de combater a tal prática de risco.

[Texto retirado de: <<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/os-sintomas-de-um-pais-despreocupado.jhtm>>]

Texto 3

O bullying não é brincadeira

Solucionar o problema do "bullying" na escola não é algo fácil, muitas vezes pode levar a morte ou a traumas.

O "bullying" não acontece apenas na escola, também ocorre em casa, por meio da internet onde os jovens passam a maior parte do tempo. Para tentar acabar ou diminuir o "bullying" na escola, os professores sabem que eles devem fazer trabalhos, seminários e

outras atividades para tentar amenizar este problema. A escola deve informar que não aceita esta prática e os agressores serão punidos por tal ato. Para acabar com o "cyberbullying" os pais devem ficar atentos com seus filhos e observar suas expressões e o modo que eles estão agindo e procurar saber o que está acontecendo com eles tanto em casa como na escola.

Muitas pessoas pensam que o "bullying" é só uma brincadeira, mas para a pessoa que o recebe não é brincadeira e os agressores não pensam nas consequências, a pessoa que recebeu a agressão pode querer se vingar, e isso pode ocasionar outras agressões mais graves. Então pensebem antes de "zoar, gozar ou agredir" alguém, porque o "bullying" não é só uma brincadeira.

[Texto retirado de:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/ult4657u666.jhtm>>]

Texto 4

O "bullying" tem solução?

Tempo após tempo um assunto vem ganhando repercussão e virando tema de debate entre pais e educadores, o "bullying". A palavra tem origem do inglês ("bully", que significa valentão). É o comportamento violento, seja físico ou emocional, de uma pessoa ou grupo de pessoas para com outra.

O "bullying" ocorre mais frequentemente no ambiente escolar, onde existem alunos que se valem de algum fator, seja força física, condição financeira melhor, popularidade ou defeitos alheios, dentre outros fatores possíveis, para aplicar esse tipo de violência em outros alunos. O problema vai além das escolas, sendo frequentemente visto na internet, em salas de bate-papo, sites de relacionamento ou comunicadores instantâneos. Vândalos virtuais que invadem contas de sites de relacionamento no intuito de denegrir a imagem de seus respectivos donos é

um exemplo disso. Nesses casos o motivo das agressões pode ser vingança, inveja ou simplesmente prazer de fazer isso. Já no caso das escolas o comportamento desses agressores deve-se ao fato de eles se acharem superiores. E para mostrar que são melhores ridicularizam ou agredem fisicamente outras pessoas. Pode haver outros motivos relacionados à relação familiar do indivíduo, quando esse pode estar sofrendo de maus tratos pelos pais e acaba descontando nos colegas de escola. Vendo que isso está ocorrendo, a escola tem que agir e inibir essas práticas que afetam tanto o rendimento escolar como a vida pessoal do aluno vitimado, punir o(s) agressor(es) e, se for o caso, fazer também um acompanhamento com essa fim de tentar ajudar a mudar seu comportamento.

Mas, para solucionar o problema em definitivo, é um pouco mais complicado. Nem sempre os professores ou pais do agredido ficam sabendo do ocorrido, pois esse não fala nada com medo de sofrer novas agressões. Para que esses jovens possam ser ajudados é preciso que eles também colaborem relatando o que está acontecendo aos seus pais e professores, a fim de que assim possam ser identificados os agressores. Na internet é mais difícil a solução, pois nem sempre pode se identificar o agressor e quando isso se torna possível não há garantias de punição para tal. Nos sites de bate-papo on-line e sites em geral poderia ser desenvolvido um sistema de segurança, podendo esse identificar o computador do agressor e bloqueá-lo impedindo que ele volte a fazer esse tipo de vandalismo. Mas, já que isso ainda não acontece, o melhor a se fazer ainda é tentar manter distância desse tipo de situação, mantendo a máxima segurança em senhas e contas na internet e os pais podendo conversar mais com seus filhos, podendo dessa forma ficar por dentro de tudo o que acontece com seus filhos podendo ajudá-los em qualquer situação.

[Texto retirado de:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/ult4657u662.jhtm>>]

Texto 5

Fatores externos que influenciam o comportamento das pessoas nas organizações

Após discutirmos os fatores intrínsecos ao ser humano, e apresentarmos as variáveis intervenientes, é hora de falarmos dos fatores externos que podem influenciar o comportamento dos funcionários, dentro de uma organização.

De acordo com Chiavenato (1998), os fatores externos são decorrentes do ambiente, que envolvem as características organizacionais, como: sistemas de recompensas e punições, os fatores sociais, as políticas organizacionais e etc.

Existe uma exagerada quantidade de variáveis quando se refere aos fatores externos que influenciam o comportamento das pessoas nas organizações; moradia, transporte, saúde, alimentação e segurança são alguns dos fatores que constituem as condições ambientais.

A ligação entre os fatores intrínsecos ao indivíduo influencia diretamente nos fatores externos, como por exemplo, o estado de energia da pessoa.

Há diversos fatores externos que influenciam o comportamento das pessoas nas organizações como pressão do superior, influência dos colegas, sistemas pessoais, mudanças tecnológicas, demandas da família, programas de treinamento e desenvolvimento, condições ambientais, estados de energia interna, etc.

[Texto retirado de: <<http://www.administracaoegestao.com.br/pesquisa-de-clima-organizacional/fatores-externos-que-influenciam-a-motivacao/>>]

Texto 6

Carlos Alberto Parreira: "Ele virou celebridade, mas tem cabeça" - Edição 717

(06/06/2014)

O ex-técnico, de 70 anos, se prepara para sua sexta Copa do Mundo, agora no cargo de coordenador técnico da Seleção Brasileira, com Luiz Felipe Scolari. Em entrevista a QUEM, ele critica os gastos com o mundial, diz que está aprendendo a beber vinho, lamenta não ter tempo para pintar quadros e elogia Neymar, seu principal jogador

São quatro relógios na parede. Um com o horário de Brasília e os outros com os de Nova York, Londres e Hong Kong. Os estofados são de couro e uma ampla mesa apara apenas um porta-lápis com 47 lápis pretos bem apontados. Aos 70 anos, Carlos Alberto Parreira se divide entre os afazeres como coordenador técnico da Seleção Brasileira e o escritório da sua empresa, a Next Global, de importação de produtos. É lá, no Centro do Rio de Janeiro, que ele recebe QUEM.

Em entrevista, Parreira analisa as manifestações das ruas, contrárias à realização da Copa, e comenta o tumultuado namoro entre **Neymar e Bruna Marquezine**. “Desde que começaram a namorar, ele não mudou nada”, diz. Descontraído, fala que sai para beber vinho com o técnico **Luiz Felipe Scolari**, o Felipão. “Ele bebe um pouquinho mais do que eu”, brinca ele, casado com Leila há 41 anos, com quem tem duas filhas: a arquiteta Dani e a publicitária Vanessa, que lhe deram os netos Letícia, Lucas, Rafael, Isabela e Laura. O homem que participou de Copas do Mundo por cinco seleções (Arábia Saudita, Brasil, Emirados Árabes, Kuwait e África do Sul) não pensa em se aposentar. “Vai ser complicado ficar em casa”, ri. Estamos perdendo a oportunidade de deixar um legado. Dentro de campo, a Copa vai ser muito boa, os estádios estão ótimos. Mas e fora?”

QUEM: Quais são as expectativas para a Copa do Mundo?

CARLOS ALBERTO PARREIRA: Que se reproduza na Copa o que fizemos na Copa das Confederações, em 2013. A Seleção vinha num descrédito, que só foi recuperado graças à autoconfiança obtida com o torcedor. A torcida teve papel fundamental nesta recuperação.

QUEM: Como acompanha as manifestações das ruas, contrárias à Copa?

CAP: Desde que as manifestações sejam pacíficas, sou a favor. Com violência, não. Ao mesmo tempo, a gente sabe, como cidadão, que o Brasil passa por um momento difícil economicamente, talvez até politicamente.

QUEM: Qual é a sua opinião sobre seu ex-jogador Romário, atual deputado Federal (PSB-RJ), que tem criticado a realização da Copa?

CAP: Houve gastos excessivos mesmo, a gente tem que concordar. O estádio de Brasília vai custar 1,8 bilhão de reais. O de Fortaleza, 450 milhões. Por que a disparidade? Romário está em outra função, que não é mais a de jogador, mas a de defensor do interesse do público. O Brasil perdeu a oportunidade de mostrar um país diferente. Estamos perdendo a oportunidade de deixar um legado. Dentro de campo, a Copa vai ser muito boa, os estádios estão ótimos. Mas e fora?

QUEM: Falando dos jogadores, a vida pessoal interfere na atuação nos gramados?

CAP: Se for uma coisa radical, que fuja aos parâmetros, influencia. Se fugir dos parâmetros, não se joga uma partida de alto nível. É impossível jogar um futebol de alto nível levando uma vida desregrada. O cara que vive na noite não tem como competir de igual para igual. Logo, ele não está na Seleção.

QUEM: Que diferenças você aponta entre o estilo de vida de Romário, quando o Brasil foi tetra, em 1994, e você era o técnico, e o de Neymar?

CAP: A visibilidade, a exposição, as redes sociais, a mídia mais intensa... Não dá mais para se comparar a vida de um jogador na década de 1990 com o que é hoje. Todo mundo que a

gente convocou é profissional de alto nível. Imagine o que seria do Pelé se ele jogasse hoje?

Romário não tinha internet, telefone celular...

QUEM: Mudou para pior?

CAP: Para melhor! Por isso, acho que Neymar, aos 22 anos, tem uma baita cabeça. Ele virou uma celebridade, mas continua sendo amigo dos amigos, todo mundo gosta dele, é educado, e joga muito.

QUEM: Atrapalhou alguma coisa o assédio por ele namorar a atriz Bruna Marquezine?

CAP: Acho que não. Todos eles namoram à beça. A vida deles lá fora não me interessa. Desde que começaram a namorar, e quando tinham terminado também (no começo de fevereiro), ele não mudou nada com a gente.

QUEM: Como foi sua vida no Kuwait e na Arábia Saudita, enquanto era técnico das seleções desses países?

CAP: Minha vida mudou muito, pelo contato com outras culturas, religiões, valores morais. Fui em 1978 para o Kuwait, fiquei cinco anos. Não tinha telefone, TV, nada. Mal me comunicava com minha família. Para conseguir uma ligação, era um custo. No começo, foi muito difícil, mulher não tem direito a quase nada. Na Arábia Saudita (para onde foi em 1985), é bem pior. A mulher não pode entrar sozinha no restaurante, transporte coletivo, escola. Mas, quando você quer vencer na vida, enfrenta tudo. Me adapto com facilidade a ambientes hostis.

QUEM: E a família nisso tudo?

CAP: Nós fizemos um *modus vivendi* (expressão em latim que significa um acordo entre partes cujas opiniões diferem) que agrupa as duas partes. As férias no mundo árabe são de junho a agosto, quase coincidem com as férias escolares daqui. Minhas filhas estudavam em

colégio no Rio e iam para lá nas férias. No final do ano, era a mesma coisa. E assim fomos vivendo, sem deixar que elas perdessem o contato com a língua daqui.

Pela história do futebol brasileiro e por jogar em casa, somos favoritos. Ao longo da história, porém, já se viu que favoritismo não ganha Copa"

QUEM: Lembra-se de alguma gafe cometida num desses países?

CAP: Cometi uma em Gana, na África (quando foi a convite do Itamaraty). Teve um técnico da Seleção de lá que foi no hotel me recepcionar. Chegou com uma mulher toda paramentada. Ficamos conversando duas horas, tomando cerveja. No dia seguinte, me deu um esporro! Aquela mulher que trouxe era para me recepcionar a sós, entende? Falei: "Meu amigo, estou chegando no teu país, não falei com ninguém ainda, como é que eu vou saber disso? " (Risos). Deve ter pensado: "Esse brasileiro não é de nada".

QUEM: Aos 70 anos, pensa em se aposentar?

CAP: Vai ser complicado eu ficar em casa. Com certeza, vou dedicar mais tempo ao lazer, à família. Há três anos que não pinto um quadro. Amo pintura, fotografia. Não tenho tempo. Hoje, saí de casa às 8h da manhã e volto às 9h da noite, não paro.

QUEM: Sobra tempo para exercer a função de avô?

CAP: Passo na casa deles e dou um beijo sempre... Sou muito ativo, não ia conseguir ficar em casa sem fazer nada. Quando saí da África do Sul (em 2010), fui buscar outras oportunidades para trabalhar. Aventou-se a chance de fazer uma empresa de importação, me juntei a amigos neste projeto. Já temos 80 escritórios no mundo. Importo de agulha a avião. O que você quiser, eu trago. Estamos fechando a venda de um carro McLaren de 1,7 milhão de reais.

QUEM: Você tem uma McLaren?

CAP: Não quero, não tenho e não preciso. Tenho um (carro) Toyota que me atende muito bem. Eu mesmo dirijo.

QUEM: Como é sua relação com Felipão? Vocês saem para beber?

CAP: Ele bebe um pouquinho mais do que eu. Bebe vinho, tem bom gosto. Estou sendo introduzido agora nessa, meus genros adoram vinho. Ele não é nada daquilo que aparenta ser. É educado, sabe o que quer, é companheiro, amigo, profissional. Nossa relação de amizade deu certo, porque ninguém quer aparecer mais do que ninguém.

QUEM: Quem vence a Copa?

CAP: Pela história do futebol brasileiro e por jogar em casa, somos favoritos. Ao longo da história, porém, já se viu que favoritismo não ganha Copa. A Alemanha tem mantido um nível muito elevado. O futebol alemão está em alta.

QUEM: Toma remédio para dormir na véspera de um jogo?

CAP: Uma Copa é responsabilidade muito grande, para qualquer equipe, imagine no Brasil! Ainda não sei se precisarei (risos). Só quando fico três, quatro noites sem dormir direito.

[Entrevista retirada de:<<http://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2014/06/carlos-alberto-parreira-ele-virou-celebridade-mas-tem-cabeca.html>>]